

# **Uma Lição de Amor**

Elysanna Louzada

Copyright © 2014 Elysanna Louzada

**Editora:**

Ases da Literatura

**Coordenação editorial:**

Lycia Barros

**Capa:**

Hugo Breves

**Revisão, Beta Reader e Copidesque:**

Carla Fernanda dos Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Edição Digital | Criado no Brasil.

## *Prólogo*

O médico ainda não havia chegado, por isso minha cabeça estava em algum lugar entre a esperança, a ansiedade e o medo. A poucos minutos de me submeter ao que seria minha salvação ou minha condenação fatal, a única coisa capaz de me distrair era o meu *iPod*. Selecionei minha sequência favorita, fechei os olhos e tentei me desligar do mundo.

## *- Primeira Parte -*

*Contagem regressiva para a doença*

*“O amor quando chega*

*Não bate à porta,*

*arromba a alma.”*

*Chris Frauches*

# Capítulo 1

*“Pra você guardei o amor  
Que sempre quis mostrar  
O amor que vive em mim vem visitar  
Sorrir, vem colorir solar  
Vem esquentar  
E permitir.”*

(“Pra você guardei o Amor”, composta por Nando Reis;  
e interpretada por Nando Reis e Ana Cañas.)

*Três anos antes do hospital...*

— E se nos pegarem invadindo o prédio? — perguntei a Eduardo quando destrancou o cadeado com a chave que havia copiado clandestinamente.

— Terá valido a pena.

— Podem nos processar — argumentei hesitante.

— Qual é, Ana? Para de ser tão medrosa. — Ele deu uma piscadela e sorriu jogando o charme que sabia que não tinha efeito sobre mim.

Cruzei os braços encarando-o, de repente, mal-humorada.

— Você não está querendo bancar o conquistador para o meu lado, está? Por que se estiver...

— Ana, eu já falei que não vou dar em cima de você. Você não faz o meu tipo.

— Que bom!

— A não ser que tenha mudado seus conceitos — ele me provocou, sussurrando a frase no meu ouvido. Soquei seu braço arrancando-lhe risos.

— Anda, vem logo! — Ele segurou a minha mão e me puxou para dentro do prédio.

— Eles podem nos expulsar por isso — continuei, tentando defender minha objeção.

— Temos um bom advogado.

— Não conte com ele. Otávio deixou bem claro que agora você estava por conta própria.

— Eu sei. Acontece que eu não estou sozinho. Estou com você. Isso me dá uma boa vantagem.

Eduardo acendeu algumas luzes do laboratório, apenas o suficiente para se orientar em meio à parafernália que o pessoal da Astronomia mantinha por ali.

— Eu não vou embarcar nessa loucura.

— Por favor, Ana. É importante. Se fosse Otávio no meu lugar, você não hesitaria. — Embora não gostasse de ser comparado ao irmão, Eduardo frequentemente lançava mão da prerrogativa para me dissuadir.

— Ele não me pediria para invadir uma propriedade privada.

— Tudo bem, então considere essa a última transgressão que fará ao meu lado.

— Isso é chantagem.

— Eu sei. — Ele sorriu sabendo que tinha vencido.

Eduardo me conduziu pela sala até chegarmos ao telescópio que ficava no canto oposto à porta por onde havíamos entrado.

— Você sabe mexer nisso?

— Não é a primeira vez que venho aqui — ele me respondeu com um sorriso malicioso.

— Claro! — concluí com ironia baseada em sua fama de “mulherengo”.

— Não é o que está pensando.

— E o que é que estou pensando?

— Que eu trago garotas aqui.

— E não traz?

— *Aqui*, não. Acontece que eu fiz um curso de extensão em Astrofísica quando estava no segundo semestre.

— E o que isso tem a ver com a Medicina?

— Nada, mas a instrutora era uma gata.

— Sabia!

— Isso foi há quatro anos e tecnicamente eu não a trouxe aqui, ela já estava aqui.

— Quando vai criar juízo?

— Defina “juízo”. — Ele sinalizou a palavra com aspas no ar e subiu os degraus que dava para a cúpula que abrigava o imenso telescópio.

— Menos “galinha” — respondi, seguindo-o de perto.

— Hmm... Essa doeu. — Ele me olhou fingindo uma ofensa repentina que se desfez no instante seguinte, quando seus olhos se estreitaram no sorriso que era um misto de excitação e ansiedade. Lembrei-me de quando morava no interior. Era exatamente assim que os garotos pareciam ao terminar de escalar a árvore mais alta que eram capazes de encontrar.

Na maior parte do tempo Eduardo era assim, uma criança aventureira e transgressora. Acho que era exatamente isso que fascinava as garotas que se esforçavam tanto para sair com ele.

Eduardo abriu a cúpula e eu olhei para o céu como se ele fosse um oceano gigantesco habitado apenas por estrelas-do-mar. Ele ajustou o equipamento com a habilidade de quem fazia observações celestes todos os dias. Fiquei impressionada com a precisão de seus movimentos, imaginando quando ele havia arrumado tempo para brincar de astrônomo em meio às provas finais da sua residência. A cabeça reclinada fazia o cabelo cair sobre seus olhos, mas isso não lhe tirava a concentração. Com a mão livre, ele jogava os fios rebeldes para trás enquanto ajustava o medidor de latitudes com a outra.

— Pronto. Olhe aqui.

Ele se afastou do telescópio e eu me inclinei para observar o que ele havia focalizado. Ao contrário do que imaginei, ele não havia apontado para a constelação do Cruzeiro do Sul, minha preferida.

— Gostou? — ele perguntou parecendo ansioso.

— É só uma estrela — respondi sem tirar o olho da lente, tentando encontrar a razão pela qual havíamos nos arriscado tanto para vê-la.

— Não é qualquer estrela. Essa aí foi descoberta recentemente.

— E desde quando se interessa por estrelas recém-descobertas?

— Desde quando sou eu quem as descubro.

— Ah, tá. Conta outra — devolvi com descrédito.

— É sério, Andorinha. — Ele pareceu magoado.

Afastei-me do telescópio. Encarei-o, avaliando seu rosto.

— Você descobriu mesmo aquela estrela?

— Por que o espanto? Acha que eu não seria capaz? Aposto que se fosse Otávio que lhe dissesse uma coisa assim, não duvidaria.

— Otávio não faz piada. Ao contrário de você. Eu nunca sei quando está falando sério ou não, como agora, por exemplo.

— Sua total descrença em minha capacidade científica é aviltante — ele disse, sendo sarcástico. — Pois é oficial e tenho até o registro para provar. Eu descobri aquela estrela e... dei o seu nome a ela.

— O quê? — perguntei incrédula.

— Achei que Ana Luísa era o nome perfeito para uma estrela. Além disso, ela se parece com você.

Fiquei desconcertada com a resposta, encarando-o sem saber o que dizer.

Ele segurou-me a mão, obrigando-me a acompanhá-lo.

Subimos os degraus de uma escada e alcançamos o telhado do laboratório. Era uma noite agradável de primavera. A brisa morna nos abraçava deixando-nos confortáveis àquela altura.



Eduardo sentou para, em seguida, deitar no chão de cimento. Colocou as mãos atrás da cabeça, improvisando um apoio e fixou os olhos no céu.

— Por que fez isso? — perguntei, sentando-me ao seu lado.

— Porque achei que seria o presente de aniversário perfeito.

— Meu aniversário é só daqui a seis meses.

— Achei que você ficaria feliz.

— E eu estou. Claro! Nossa... eu tenho uma estrela. Afinal, quantas pessoas ganham uma estrela de presente?

— Tecnicamente, ela não é sua de verdade, você sabe, não é?

— Claro que sei, seu bobo. — Eu ri e dei um leve tapa em seu braço.

— Então, por que essa sombra de tristeza na sua voz?

Encarei-o, pensando em como ele fazia aquilo. De que forma ele era capaz de me decifrar de maneira tão meticulosa se convivíamos relativamente pouco. A maior parte dos fins de semana, Eduardo saía com uma turma com a qual eu não me identificava, por isso eu mantinha distância.

— E então, vai me dizer por que não está totalmente feliz? — ele insistiu.

O que eu estava pensando naquele momento não era um assunto que quisesse compartilhar, mas, de qualquer forma, decidi me abrir com ele.

— Eu me lembrei do meu pai. Quando ele morreu, minha mãe disse que ele havia se tornado uma estrela e que lá do alto estava tomando conta de mim. Eu tinha cinco anos. Quatro anos depois, ela também se foi.

— Eu não sabia que eles morreram quando você era tão nova. — Ele segurou a minha mão e acariciou o dorso com o polegar em sinal de solidariedade.

— Depois disso eu fui morar no interior com minha avó e todas as noites eu ficava olhando para o céu, imaginando onde eles estariam e quando eu iria encontrá-los novamente. — No momento em que cheguei a esse ponto da explicação, ele soltou minha mão. Eu sabia que ele não acreditava em vida após a morte e isso era algo que me incomodava, pois tinha certeza de que essa

descrença o fazia sofrer. — Por que é tão difícil para você acreditar que a morte não é o fim?

— Lá vamos nós de novo. Depois de tanto tempo pensei que já havia desistido de driblar o meu ceticismo. — Ele encarou minha pergunta com humor e nenhuma seriedade.

— Eu sou persistente.

— Teimosa, você quer dizer.

— Chame do que quiser, mas, um dia, vou lhe convencer de que somos mais do que uma máquina biologicamente perfeita.

— E que todos nascemos com um propósito... Já sei, Ana — ele falou como quem repete uma ladainha cansativa.

— Não deboche da minha crença.

— Não foi o que eu quis dizer. Desculpe. Só não quero falar sobre isso hoje.

— Tudo bem. Outro dia, então.

— Você não vai desistir, hein?

— Não.

— O que você seria capaz de fazer para me convencer? — ele me provocou.

— Daria minha vida para salvar a sua alma.

— Para com isso, Andorinha! Sabe que eu não gosto quando fala assim.

— O quê? Está com medo de eu atrair a morte? — Sorri, amenizando o peso das palavras.

Ele não respondeu. Apenas ergueu o tronco, apoiando os braços em um joelho, e me encarou com o rosto sério.

— Eu estou brincando. Pretendo viver muito ainda. A propósito, quando vai para a Ásia? — Mudei de assunto para afastar a atmosfera mórbida.

— Em alguns dias. Está doida para me ver pelas costas, hein?

— Claro que não, seu bobo.

— Você poderia se inscrever também quando terminasse a faculdade.

— Não sei se me encaixo no programa. Acho que o *Médicos sem Fronteiras* procura pessoas com o seu perfil.

— Como assim com o *meu perfil*? Existem milhares de profissionais que trabalham nisso.

— Eu sei. O que eu quis dizer é que você não foi feito para ficar parado. A rotina o entedia. Você não faz o tipo que sonha em abrir uma clínica médica, trabalhar até ficar podre de rico e aposentar. Você é um cidadão do mundo.

— Você acha, é? — Ele me encarou como se eu estivesse desvendando aspectos de sua personalidade que ele próprio desconhecia. — Às vezes fico pensando se não escolhi isso só para afrontar dona Katharina, como Otávio me acusa.

— Claro que não. Escolher fazer parte do *Médicos sem Fronteiras* não tem nada a ver com sua mãe e sim com quem você é — falei e pousei minha mão no seu peito, na altura do coração antes de continuar. — Sua decisão vem do seu caráter, da sua generosidade e do seu amor pelas pessoas.

Eduardo colocou a mão dele sobre a minha, deu um longo suspiro e disse:

— Obrigado, Andorinha.

Não sei por que, mas fiquei sem graça com a nossa proximidade e o silêncio que veio depois disso. Puxei minha mão e falei na tentativa de encerrar o assunto:

— Nunca pensei em você criando raízes em um único lugar, como se fosse uma árvore centenária.

— Ao contrário do Otávio, que é sólido como uma rocha — ele me surpreendeu com o comentário que me pareceu amargo.

— Eu não disse que você é volúvel — rebati em minha defesa. — Até porque se fosse, não teria sido selecionado para ser médico voluntário na Ásia. Você e Otávio são diferentes, sim, isso é notável, não sei por que os dois insistem tanto em se comparar um com o outro.

— Talvez porque as pessoas tenham feito isso desde que nascemos.

— Tudo bem... mas vocês não precisam repetir esse comportamento. São adultos, maduros e podem seguir a vida sem precisar um do outro como parâmetro.

— Talvez tenha razão.

— Claro que tenho! — Já estava quase irritada.

Meu celular tocou, impedindo-me de concluir o assunto.

— Alô. Oi, Otávio... Ah, não... — parei de falar, porque meus olhos se fixaram na parte superior da escada pela qual subimos. O segurança da universidade estava parado segurando uma lanterna e nos encarando com cara de poucos amigos.

Quando recuperei a voz, segundos depois, Otávio já havia percebido que havia algo errado, sua voz estava tensa quando o ouvi gritando:

— ANA, O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM VOCÊ?

— Eu... acho que estamos com problemas. Er, bem... Não, Eduardo está comigo. Estamos na faculdade... No prédio de Astronomia... Preciso da sua ajuda.

Quando Otávio chegou, nós estávamos sentados na antessala da reitoria como dois colegiais aguardando para receberem a punição merecida pelo seu delito. Para minha surpresa, ele não estava sozinho. O próprio reitor estava com ele. Os dois entraram na sala do diretor da universidade juntamente com o segurança do prédio. Otávio olhou de relance ao passar por mim e meus ombros se encolheram no mesmo instante. Meu rosto assumiu um tom de vermelho escarlate e eu encarei o chão.

Quinze minutos depois, a porta se abriu e o guarda, que nos surpreendeu, saiu e, ao passar por mim e Eduardo, pediu que entrássemos.

Ao contrário do que imaginei o reitor não estava irritado, sequer parecia mal-humorado por ter sido arrancado de casa às onze e meia da noite.

— Eu não vou registrar esse incidente no histórico de vocês. E só estou fazendo isso em consideração à sua mãe — O reitor encarava Eduardo, ignorando-me completamente. —, mas não serei tão condescendente se houver uma próxima vez. — E, virando-se para Otávio, abriu novamente um largo sorriso e concluiu: — Dê lembranças à Katharina e obrigado por me trazer tão boas notícias em uma noite que tinha tudo para ser desastrosa.

Assim que percebi que o diretor estava longe o suficiente para não nos ouvir, eu comecei meu pedido de desculpas.

— Ana, você não teve culpa de nada — Otávio disse em resposta e, então, virou-se para o irmão: — Por que você a trouxe aqui?

— Não é da sua conta.

— Não é da minha conta?! Eu livro o seu traseiro de mais uma merda e é assim que você me agradece?

— Otávio! — eu o repreendi assustada com o seu tom agressivo. — Vocês não vão começar uma discussão agora, não é?

Eles me ignoraram.

— Eu não me lembro de ter pedido a sua ajuda — Eduardo devolveu.

— Você tem razão. Eu deveria ter deixado claro para o reitor que o cheque era apenas para livrar Ana e não você.

— Cheque? Do que você está falando? — perguntei desorientada.

— Vocês não foram expulsos porque eu, quero dizer, a empresa que Eduardo tanto despreza fez uma doação para a universidade.

— Mas eu não tenho como pagar isso para vocês — reagi quase em pânico.

Um riso espontâneo apareceu no rosto de Otávio e Eduardo, simultaneamente.

— O quê? — perguntei sem entender nada.

— Eu praticamente a obrigo a invadir o prédio da universidade para ver uma estrela e você ainda se sente em dívida? — Eduardo falou encarando-me, incrédulo.

— Então foi por isso que a arrastou para cá? — Otávio constatou mais bem-humorado.

Minha total falta de noção conseguiu superar o clima tenso entre os dois até chegarmos ao estacionamento, quando fui obrigada a fazer algo que me deixava bastante desconfortável: decidir entre eles.

— Você vem comigo, Ana? — Otávio me perguntou quando alcançamos seu carro.

— Eu... ah... Você se importa? — perguntei para Eduardo.

— Sua bolsa está no jipe.

— Pegamos com você na saída — Otávio argumentou por mim.

Eduardo balançou os ombros e seguiu para o carro. Quando passamos por ele, agradei novamente o presente e disse que queria me despedir dele antes que embarcasse para a Ásia.

Mas isso não aconteceu. O embarque acabou sendo antecipado em alguns dias e quando Eduardo partiu eu estava fora do Rio. Tinha ido à minha cidade para resolver uma pendência, que eu vinha protelando há alguns meses, sobre a venda da chácara que pertencera à minha falecida avó.